

Introdução

Com base no livro – O Sagrado e o Profano – de Mircea Eliade, retrataremos a hierofania no contexto judaico-cristão, através da transcendência do shabat, com a ideia do prolongamento deste tempo santificado do povo sagrado para o profano pagão, com o intuito de modificar o aspecto pagão do povo gentio, permitindo-os o direito da eternidade.

Utilizaremos para o desenvolvimento desta pesquisa as citações: da bíblia de Jerusalém, - A Torá- de Frank Crusemann, -O ciclo de leituras da Torah na sinagoga- de Fernando Gross, - As relações Judias Cristãs do primeiro século – de Manoel Miranda.

1 Sagrado e Profano

Eliade define o sagrado por oposição ao profano. O profano é o comum, o corriqueiro, aquilo que carece de significado especial em nossa vida. O sagrado é o incomum, o especial, o que apresenta um significado particular em nossa vida, de modo absoluto e definitivo.

O homem, para Eliade “toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano”. A esta manifestação do sagrado, Eliade dá o nome de hierofania, termo que pode ser traduzido na expressão “algo de sagrado se nos mostra”. Desse modo, o sagrado, segundo Eliade, não é uma ideia, ou seja, uma expressão puramente conceitual do homem que ele faz do mistério da vida e do universo, mas uma experiência de algo que se manifesta e ao mesmo tempo se oculta no mundo sensível.

Dando ênfase ao termo hierofania, Eliade afirma que a história de todas as religiões, desde as mais primitivas, até as mais elaboradas, “é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas”, que, embora assumam vários aspectos fenomenológicos segundo as estruturas culturais em que vive cada homem, apresenta-se em todas estas culturas como algo que transcende. Por exemplo, o animista interpreta a experiência do sagrado como

¹ Postulante na Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion (NDS). Estudante de Filosofia e aluno no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ).

uma força vital – o mana -, enquanto o xamã vê no sagrado a manifestação de potências celestes; já para um cristão, a hierofania suprema é a encarnação de Deus em Jesus Cristo.

Dito isso, podemos finalmente explicitar qual é a meta transcendente da experiência religiosa. Em nossa tradição judaico-cristã, como acontece em muitos outros casos, nós a chamamos de Deus. Antes de chegar ao Deus concebido como pessoa, alguns autores preferiram referir-se simplesmente ao ‘totalmente outro’, como fez Rudolf Otto, ou simplesmente ao ‘Mistério’ como o transcendente vivido na experiência religiosa. Todas estas designações destacam o negativo: algo absolutamente diferente de qualquer realidade humana e que não se pode conhecer simplesmente mediante a pura racionalidade, mas que afeta profundamente o ser humano, manifestando-se a ele de alguma forma.

Isso indica uma qualidade dessa Realidade transcendente: a ela é que pertence a iniciativa de manifestar-se. O que é o objeto final da atitude religiosa é também o seu começo.

2 hierofania no judaísmo

Usando este ensejo de Eliade, emprego a hierofania no contexto judaico, no qual o sagrado se manifesta no tempo cronológico, através das festas judaicas, a principal delas é o Shabat. Esta festa semanal tem o princípio de santificar, sacralizar o tempo “lembra-te do dia do Shabat para santifica-lo” (Ex.20,8). “Guardaras o Shabat para santifica-lo” (Dt.5,12). O verbo empregado “lembrar-se” consiste em começar antes da hora, e o “guardar” é o prolongar-se após o tempo. E é neste contexto que se inicia a celebração um pouco antes de sua “entrada” efetiva - na aparição da primeira estrela - e a prolonga-se um pouco além de sua “partida”, ou seja, para que haja a presença do sagrado no nosso tempo existem condições para que se concretize.

A hierofania no shabat se inicia no rito de acendimento das velas, uma bênção que apenas as mulheres podem exercer “ pois as mulheres que geram a luz”. A luz em seu aspecto simbólico neste rito, mostra a passagem do tempo caótico para o tempo cosmológico, um tempo ordenado, um tempo sagrado, com o desígnio de santificar e permitir a manifestação do transcendente. No prolongar do rito temos outros elementos que nos apontam ao sagrado, desde os cânticos dedicados ao “ querido” a “ noiva”, os salmos de Davi com a interpretação rabínica da Torah escrita

à Torah oral; “Moises fez descer a palavra de Deus aos homens através de cinco livros, Davi faz subir a oração dos homens a Deus através de cinco livros” [-*feedback*- com Deus] “ reação a um estímulo”. Mas o intuito principal do shabat em nossa era contemporânea é a espera pelo shabat eterno “o oitavo dia”, o dia que todos os descendentes de Abraão, os filhos de Israel, o povo Hebreu, o povo judeu viverem na plenitude do sagrado.

3 A continuidade da hierofania no cristianismo – aspecto sabático-

Contudo o Transcendente se manifesta a todos, trazendo para a realidade gentia a hierofania, no qual Ele mesmo se revela através da forma humana, com o intuito de todos participarem deste projeto do Shabat eterno “Passado o sábado, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salome [...] De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao tumulto ao nascer do sol” (Mar 16,1ss). Percebemos que o evangelho de Marcos as mulheres vão ao tumulto vazio ao amanhecer, fazendo uma alusão de que as mulheres vão com a luz dado pela noiva que é o dia anterior, *A Shabat*, cumprem o preceito do rito do acendimento das velas.

Outra referencia que também temos é a teofania - *real aparição ou revelação da divindade; manifestação de Deus*- “Ao amanhecer, desde cedo, houve trovões, relâmpagos” (Ex 19,16) e no evangelho de Mateus nos apresenta características desta teofania, que a Torah escrita nos explicita, com as características do “amanhecer” “relâmpago”.

O tumulto vazio. A mensagem do anjo - Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana [...] E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do senhor descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela, o aspecto era como o do relâmpago e a sua roupa, alva como a neve (Mt 28,1ss).

Usando a referência de Mateus podemos notar que aparição de Jesus o - Transcendente manifesto em carne- em seu corpo glorioso, ressuscitado, que se apresenta no contexto da esperança do Shabat. Observamos que ele se revela no dia depois do Shabat, que logo é o oitavo dia. No Evangelho de João também podemos perceber isso: “Oito dias depois, achavam-se os discípulos, de novo, dentro de casa, e Tomé com eles. Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: ‘A Paz esteja convosco...’” (Jo 20,26).

Dando uma continuidade ao texto de João 20, 22 “Dizendo isso, soprou sobre eles” vemos ai um elemento simbólico de criação, o “sopro” que da a vida. Que em

Gêneses produziu o espírito que é a semelhança do homem com Deus- como diz um Midrash –*A criação do céu e da Terra e a importância da Paz* (o ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga- Gross Fernando): “[...] o sexto dia, porém, será dividido entre o Céu e a Terra. Criarei Adão dos dois, da Terra e do Céu seu corpo será feito do pó da terra, mas seu espírito vira de mim, do Céu”.

Compreendemos que Jesus é o prolongamento do Shabat para o mundo gentílico, no qual Ele os introduz na natureza semelhante aos dos filhos eleitos de Deus. Dado através do batismo “eu vos batizei com água. Ele porém, vos batizara com o Espírito Santo” (Mc 1,8), e através da missa, que faz a memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus com o aspecto real e simbólico da comunhão do corpo e sangue do Judeu que nos enxertou no projeto salvífico de Deus. Dado este enxerto como diz (Rm 11) somos condicionados a viver as Dez palavras no âmbito mosaico, que necessariamente é seguir as mesmas diretrizes do amago judaico.

4 As Dez palavras – para o seguimento sabático

O judaísmo rabínico se expressa através de uma dupla tradição: a tradição escrita (Torah) e a tradição oral, compilada posteriormente no Talmud após outras obras sob o nome genérico de Midrash. Ajudando-nos a uma melhor interpretação dos preceitos e dos Dez mandamentos.

Na construção geral dos Documentos sagrados, o tema do sábado ocupa uma função especialmente destacada. Ele enquadra toda a parte anterior ao Sinai e leva até adiante até o em sete dias, apoia-se na estrutura sabática da semana. No fim, o próprio Deus “cessa” e não “repousa”. No sétimo dia, o criador não repousou (de que a natureza seria a fadiga divina), Ele que “nem dormita e nem dorme” (Sl 121). No sétimo dia, o cenário está posto, as leis do universo são agenciadas. Deus cessa de acrescentar novas regras ao mundo.

Conclusão

Com a compreensão de Eliade o Profano se mostra como o corriqueiro, algo que não tem uma espera do crente, já o sagrado sendo o oposto, o esperado o destacado tem o ideal de modificar algo ou alguém. Como vemos no âmbito judaico este sagrado se realiza através da hierofania citada por Eliade, manifestando-se no contexto cronológico, através das festas judaicas, sendo o Shabat mais importante, realizado todo fim de sexta-feira e início do sábado.

Longe de substituir o povo judeu e suas tradições, a hierofania do Deus de Abraão, Isaac e Jacó que é humanado em Jesus messiânico no retratar cristão se indaga uma consumação da Aliança Divina mais a agregação do povo gentil à herança dos Eleitos. Podemos concluir que o shabat se prolonga no contextual do projeto inclusivo salvífico de Deus, a incorporiedade sacerdotal de Cristo, sendo Ele próprio cumprindo todas as profecias e não quebrando os preceitos.

Equiparando então a hierofania que Eliade nos propõe a tenuidade do judaísmo e do cristianismo.